

A PRÁTICA DA CARTOGRAFIA SOCIAL NA EDUCAÇÃO: UMA REVISÃO DE LITERATURA

Thales Chinchio Neves¹
Amanda Regina Gonçalves²

Resumo: Objetivou-se, neste artigo, analisar as publicações científicas no campo da Cartografia Social (CS) desenvolvidas em interface com a área da Educação nos últimos dez anos (de março de 2011 até março de 2021), sobretudo aquelas publicações que envolvem a CS numa prática de ensino. A pesquisa bibliográfica foi realizada por meio do software Publish or Perish 7.30, que recupera citações acadêmicas, sendo aqui utilizado a base do Google Acadêmico, que exibiu 31 produções científicas no período, das quais 12 foram identificadas como relatos de experiência. As variáveis ponderadas foram: público atendido, objetivo da intervenção, métodos aplicados, características adotadas da CS e embasamento teórico aplicado. Constataram-se duas tendências nas práticas de ensino: utilizar a CS na intervenção social do público atendido e empregar a CS como método de ensino cartográfico; além de que a CS tem o potencial de facilitar os processos de ensino e aprendizagem, principalmente na escola pública, devido à capacidade de adaptação aos recursos e demandas locais.

Palavras-chave: Cartografia Social; Educação; Ensino.

THE PRACTICE OF SOCIAL CARTOGRAPHY IN EDUCATION: A LITERATURE REVIEW

Abstract: The objective of this article is to analyze scientific publications in the field of Social Cartography (SC) developed in an interface with the field of Education in the last ten years (March 2011 to March 2021), especially those publications that involve CS in a teaching practice. The bibliographic search was performed using Publish or Perish 7.30 software, which retrieves academic citations, using the Academic Google database, which exhibited 31 scientific productions in the period, of which 12 were identified as experience reports. The weighted variables were: target audience, intervention objective, applied methods, adopted characteristics of CS and applied theoretical basis. Two trends in teaching practices were found: using CS in the social intervention of the public served and employing CS as a cartographic teaching method; and that CS has the potential to facilitate teaching and learning processes, especially in public schools, due to its capacity to adapt to local resources and demands.

Keywords: Social Cartography; Education; Teaching.

¹ Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Email: estudos@thalesneves.com.br

² Professora Adjunta do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Email: goncalves.amanda@gmail.com

INTRODUÇÃO

Os mapas fazem parte da história humana. Desde os primórdios, o homem apresenta a necessidade de registrar o mundo a sua volta e, assim, delimitar áreas de interesse à sobrevivência: identificar onde era possível localizar recursos, alimentos, refugiar-se e evitar ameaças à existência. Desta forma, é possível dizer que mapas são – historicamente – fontes de poder.

No ambiente escolar, a leitura e produção de mapas deve ser desenvolvida em todas as etapas do ensino básico (BRASIL, 2018), visando capacitar o estudante a identificar e se apropriar do meio no qual está inserido. Cabe ao professor de geografia iniciar o aluno na linguagem cartográfica, embora docentes de outras disciplinas possam fazer-se valer desse conhecimento e contribuir na formação dos estudantes. Torna-se, então, necessário buscar caminhos que desenvolvam o ensino e aprendizagem desse conhecimento.

Levando em consideração o poder político da cartografia e a necessidade de trabalhá-la no contexto escolar, segundo as necessidades e perspectivas do estudante, a Cartografia Social (CS) pode ser uma ferramenta poderosa não só ao ensino da linguagem cartográfica, mas também de empoderamento social. Ligada às demandas coletivas e de construção participativa, a CS encontra-se presente na educação como proposta didática alternativa ao ensino dos conceitos cartográficos. Todavia, cabe ressaltar que a CS não se propõe a substituir a cartografia tradicional, ela é tanto uma forma didática de ensinar os pressupostos cartográficos como uma postura política diante do poder dessa ferramenta.

Este trabalho buscou compreender as características da produção científica em CS aplicada às práticas de ensino e educação na última década, a fim de compreender o estado da arte neste campo de conhecimento. Por compreender que a CS tem caráter multidisciplinar, a pesquisa buscou correlacionar dados na área da educação, não se limitando à disciplina de Geografia.

CARTOGRAFIA, CARTOGRAFIA ESCOLAR E CARTOGRAFIA SOCIAL

A cartografia pode ser compreendida, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1999, p. 10), como um campo da ciência que, através de operações técnico-científicas e artísticas, produzem elementos gráficos (ex.: mapas, cartas) que representam elementos físicos ou simbólicos através da análise direta ou documental. Envolve coleta de dados, análise e representação desses fenômenos relacionados à superfície da Terra.

Enquanto instrumento de poder, as produções cartográficas foram paulatinamente controladas pela elite que viam no registro gráfico do espaço uma forma de exercer sua territorialidade e, assim, garantir o controle social. Por exemplo, é impossível imaginar o Império Romano sem a existência de mapas que permitissem organizar e exercer poder sobre o território conquistado. A Tábua Peutinger, uma cópia cartográfica dos mapas romanos (século XIII), hoje em posse da Biblioteca Nacional da Áustria (WALDMAN, 2013, p. 60), demonstra a importância da cartografia no mundo antigo. O mapa, em formato de pergaminho, contém onze seções nas quais foram registradas as redes de estradas que interligavam o Império Romano (WALDMAN,

2013, p. 61). Tais caminhos – e seus registros – possibilitaram que o império controlasse províncias distantes (WALDMAN, 2013, p. 62). Além deste, o Império Romano também desenvolveu o primeiro mapa-múndi, feito em mármore e fixado no *Porticus Vispania*, tamanha era a importância dada pelos imperadores romanos à cartografia (WALDMAN, 2013, p. 65).

Quando o império fragmentou e a igreja católica permaneceu como única instituição de poder que conectava o mundo ocidental, ela tão logo tratou de suprimir o conhecimento cartográfico (dentre tantos outros) como forma de garantir sua hegemonia durante a Idade das Trevas. O valor simbólico, atrelado às crenças e fantasias cristãs, eram mais importantes que a realidade dos usos do espaço, os quais eram expressos nos produtos cartográficos (RABELO, 2015, p. 169).

Diferentemente do que ocorreu no ocidente católico medieval, os povos árabes reuniram o saber cartográfico e exerceram sua territorialidade sobre toda a região do Mediterrâneo, inclusive sobre a península Ibérica. Após os povos ibéricos terem afastado a influência árabe sobre seus territórios, foram os pioneiros nas expansões marítimas europeias graças ao conhecimento desenvolvido em navegação e cartografia. Sobre a importância dos mapas durante o período expansionista do século XVI, Eugênio e Oliveira salientam o fundamental papel dos mapas na disputa pelo poder:

[...] uma das mais estratégicas armas na geopolítica internacional, sendo a experiência portuguesa, nação pioneira nas grandes viagens oceânicas, um dos melhores exemplos de sucesso dessa conversão, que lhe permitiu expandir seu império, consolidar suas posses e reforçar sua posição no complexo emaranhado de disputas ensejadas pela corrida ultramarina dos nascentes Estados Modernos. (EUGÊNIO; OLIVEIRA, 2020, p. 215).

Ao longo da história, é possível observar a relação entre elite, mapa e poder. Como aponta Harley (2009), a cartografia é uma ciência elitizada: patrocinadores dessa ciência e principais interessados em seus produtos, a elite – do ocidente ao oriente – usa a cartografia como arsenal intelectual do poder para afirmar o direito sobre a propriedade.

Para Ascelrad; Coli (2008, p. 13), as representações cartográficas são subordinadas aos sistemas políticos e o seu produto, os mapas, “[...] uma abstração do mundo, elaborada sempre a partir de um ponto de vista”. Não é um instrumento passivo, continua os autores, pois ao passo que organiza os elementos nele inseridos, também incita à ação nos sujeitos envolvidos. Assim, a diversidade de interesses faz surgir representações múltiplas e para distintas finalidades do espaço e outras formas de produzir o saber cartográfico para além dos ambientes tradicionais.

Segundo Lévy (2009, p. 153), a produção cartográfica é o resultado do conhecimento teórico (como se faz) atrelado às relações sociais (por que se faz). Por fazer uso de signos específicos, o mapa se torna restrito àqueles que entendem a linguagem cartográfica. Enquanto linguagem, o mapa canaliza ideologias e facilita o controle da elite sobre o homem comum. Como aponta Krygier; Crampton (2009, p. 85), “[...] se o mapa é um conjunto específico de assertivas de poder e conhecimento, então não apenas o Estado como outros poderiam fazer afirmações concorrentes e igualmente poderosas”.

Se a cartografia é por excelência uma ferramenta de poder utilizada pela elite, qual é a cartografia ensinada no âmbito escolar? Para entender essa questão, é necessário um passo atrás: buscar entender qual geografia é destinada à escola. Para Yves Lacoste (2012, p. 31), a geografia escolar “[...] se tornou um discurso *ideológico* no qual uma das funções *inconscientes* é de mascarar a importância estratégica dos raciocínios centrados no espaço”. A forma de ocultar a relevância do conhecimento geográfico, segundo o autor, é torná-la enfadonha e distante da realidade do estudante. E como isso se manifesta no ensino da cartografia escolar? Dissociando o estudante da ferramenta, colocando-o como mero consumidor de produtos cartográficos que não dialogam com a realidade na qual está inserido.

E qual principal meio de aprendizagem do estudante? O livro didático. Embora a tecnologia e o acesso a internet tenham se expandido nas últimas décadas, o livro didático segue como principal fonte de consulta e estudo dos alunos, principalmente da rede pública de ensino.

A cartografia escolar presente nos livros didáticos, segundo Pereira; Pezzato (2021, p. 1707), “[...] não são neutras, mas repletas de intencionalidades balizadas pelo contexto histórico, pelas posições dos autores, pela cultura escolar e pelo processo de produção editorial das obras permeado por discursos, objetivos que expressam o contexto e a intensão de sua produção”. Ainda segundo os autores, o conteúdo cartográfico dos livros didáticos segue expositivo, meramente descritivo, exigindo pouco mais do que a observação passiva dos alunos, mantendo características do ensino tradicional (PEREIRA; PEZZATO, 2021, p. 1714).

Como dito, os livros didáticos são a síntese de diversos fatores, inclusive as diretrizes básicas da educação. A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (BRASIL, 2018) insere a cartografia no campo “Formas de representação e pensamento espacial”, indicando seu aporte teórico no espaço cartesiano. As propostas de ações presentes nas habilidades reforçam tal afirmação, centrando a cartografia em “como” se fazer e não em “quem” faz. Para Girardi (2021, p. 79), “Não discutir quem mapeia induz à ideia de neutralidade, que é um dos pilares da força retórica da cartografia hegemônica: substituir o real, representar o que já está no real”.

Se os livros didáticos não incentivam uma aprendizagem ativa dos estudantes, os recursos são escassos e a BNCC não estimula efetivamente o pensamento crítico, como promover o aprendizado dos conceitos cartográficos no âmbito escolar e, ao mesmo tempo, promover o raciocínio crítico? A Cartografia Social (CS) é um caminho possível para isso.

Segundo Tetamanti (2012, p. 14), a CS pode ser compreendida como um método de construção participativo e horizontal, isto é, trata-se de uma produção coletiva na qual todos os indivíduos participantes são importantes. Ascerald; Viégas (2013, p. 17) definem a CS “como a apropriação de técnicas e modos de representação cartográficos modernos por grupos sociais historicamente excluídos dos processos de tomada de decisão”. A primeira vez que o termo “cartografia social” foi utilizado ocorreu em 1990 na Escola de Educação da Universidade de Pittsburgh, nos Estados Unidos (GIRARDI, 2021, p.68). Na América do Sul, os estudos em CS iniciaram em 2007 na Universidad Nacional de La Plata (Argentina), com o objetivo de criar uma ferramenta de trabalho interdisciplinar entre Serviço Social e Geografia, promovendo assim intercâmbio riquíssimo entre as duas ciências (TETAMANTI, 2012, p. 13).

Na educação, a CS tem se mostrado potente no desenvolvimento não só da capacidade dos estudantes em internalizar conceitos cartográficos, mas também na apropriação do espaço, do fortalecimento dos grupos sociais e despertar da conscientização política das comunidades afetadas. Segundo Gomes (2017, p. 108), embora a cartografia convencional seja priorizada no ensino básico, a CS pode ser inserida como método de ensino e promover resultados importantes à formação dos alunos. Todavia, salienta a autora, o professor que tenha interesse de somar essa prática à aula deve:

compreender os princípios da CS; a adequação ao nível de ensino; a intencionalidade pedagógica definida; o estar aberto ao inesperado; a valorização dos saberes dos escolares - objetivos e subjetivos; o investimento na dialogicidade, criatividade e ludicidade; o valorizar a escala local contextualizada nas demais dimensões nacional e global; a compreensão do processo e divulgação do produto (fascículo), com textos, imagens e mapa situacional, tudo isto posto como forma de engajamento político, de proposições e encaminhamentos junto à comunidade (GOMES, 2017, p. 108).

Reforça ainda que não existe método único de aplicação da CS, trata-se dum processo criativo e autônomo, adaptado à realidade dos alunos e leva em conta os recursos disponíveis. O que não é opcional, afirma Gomes, é “a ‘autocartografia’, a socialização de experiências, a valorização dos sujeitos, e a busca pela compreensão mais elaborada do espaço geográfico” (GOMES, 2017, p. 109).

Todavia, o uso da CS no ambiente escolar sem contexto e interesse por parte dos alunos, salienta Girardi (2021, p. 78), “[...] transformam a experiência em uma reprodução falseada, um decalque estéril de sentidos que não contribui para uma apropriação plena nem da linguagem dos mapas, nem de leituras territoriais que eles possam propiciar”. Essa afirmação ressalta a importância de o problema comum ser identificado pelo grupo e a partir dele se pensar em como fazer o mapeamento coletivo.

Portanto, a CS configura-se como alternativa metodológica à cartografia escolar. Como aponta Miranda (2010, p. 66), a cartografia na educação básica compreende saberes essenciais à vida em sociedade que devem ser trabalhados precocemente no indivíduo. Serve não só às situações comuns do cotidiano (saber se localizar ou reconhecer a paisagem) como para exercer seu papel político na sociedade. Diferente do modelo cartográfico cartesiano predominante nas diretrizes e materiais educacionais, que prioriza a passividade e apresenta pouca conexão com a vida do estudante, a CS tem o potencial de atender melhor ambas necessidades formativas, pois prioriza a atuação dos sujeitos no meio em que eles ocupam, de maneira ativa e reflexiva. Como aponta Silva e Schipper:

A cartografia da ação social deve ser compreendida como um processo complexo que se dá início com a produção da proposta de trabalho que relacione: território, ação social e vida coletiva. A problemática construída coletivamente é fundamental (SILVA; SCHIPPER, 2012, p. 38).

METODOLOGIA DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Buscou-se, neste trabalho³, realizar um levantamento dos artigos publicados nos últimos dez anos em CS com interface entre educação e ensino, ressaltando o recorte àquelas publicações que tratassem de uma prática de ensino empregando a Cartografia Social. Tal recorte procurou compreender a relevância e as características destas produções, bem como identificar possíveis caminhos explorados pelos pesquisadores.

Cientes das inúmeras ferramentas de levantamento bibliográfico possíveis de serem utilizadas numa pesquisa e dos seus limites⁴, optou-se por uma ferramenta que fosse a de maior acesso ao cidadão comum, uma vez que, coerente com os princípios emancipatórios e da CS, almejou-se alcançar aquelas publicações que podem chegar com mais facilidade a este público.

Portanto, esta revisão bibliográfica foi realizada através do acesso às bases de dados acessados por meio do software Publish or Perish 7.30 (HARZING, 2007), programa que recupera e analisa citações acadêmicas em diversas bases de dados. Este software foi desenvolvido para facilitar e impulsionar os processos de pesquisa. Cada pesquisa inclui métricas automáticas nas quais os termos pesquisados resultam em análises sobre citações (apresentados de forma geral, por ano e publicação); publicações (dividido em geral, ano e autor) e análises do índice-h e g. Os campos de pesquisa incluem: autor; nome da publicação; palavras inclusas no título; escolhas de palavras-chave que serão pesquisadas dentro da produção; pesquisa por intervalo de tempo; e/ou número de ISSN. Através dele é possível acessar bases de dados como o Crossref, Pubmed, Microsoft Academic, Scopus, Web Science, Google Scholar Profile e Google Acadêmico, bem como importar dados externos diretamente no programa. Para esta pesquisa foi escolhido a base de dados do Google Acadêmico por ser, como aponta Stancatti; Pinto (2021, p. 9), de livre acesso e possuir ampla visibilidade se comparada a outras bases.

O recorte da pesquisa inclui as publicações da última década (de março de 2011 até março de 2021) com os termos “Cartografia Social” e “Educação” ou “Ensino” ou “Escola” ou “Escolar” no campo título.

Os critérios de inclusão adotados consistiram em: relatos de intervenção e trabalhos de cartografia social em interface com o ensino e/ou educação. Artigos ou ensaios teóricos, bem como práticas desvinculadas da área educacional e/ou ensino, formaram os critérios de exclusão. A análise prévia dos artigos ocorreu através da leitura do título e do resumo. Em seguida, os critérios de inclusão e exclusão aplicados e, por fim, os artigos selecionados foram lidos na íntegra, resultando em síntese dos relatos.

Durante a leitura, perguntas chaves foram adotadas no processo de análise: quais as principais características das práticas cartográficas sociais adotadas na educação e/ou ensino? Qual foi o público atendido? O que buscou o pesquisador na intervenção? Qual referencial teórico adotado? Quais foram os métodos aplicados?

³ Este texto resulta do Trabalho de Conclusão do Curso em Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), em Uberaba-MG, desenvolvido sob orientação da coautora do mesmo.

⁴ Dentre as bases não pesquisadas devido à escolha da ferramenta metodológica destacam-se os anais dos onze Colóquios de Cartografia para Crianças e Escolares realizados no Brasil, que são de grande importância para o desenvolvimento científico e educacional no campo da Cartografia Escolar, mas cujas publicações foram consideradas somente se indexadas no Google Acadêmico.

A síntese dos resultados foi balizada pelo método qualitativo de pesquisa. Após o processo de seleção dos artigos, aqueles selecionados foram apresentados num quadro com o nome do artigo, autor e data. Em seguida, a análise detalhada, balizada pelas perguntas norteadoras definidas acima, orientou a análise de cada artigo selecionado. Por fim, foi realizada uma discussão comparando os primeiros resultados.

CARTOGRAFIA SOCIAL E PRÁTICAS EM EDUCAÇÃO: RESULTADOS DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa dos termos “Cartografia Social” e “Educação” ou “Ensino” ou “Escola” ou “Escolar” no campo do título resultou em trinta e uma publicações entre os anos de 2011 e 2021. Após aplicar os critérios de inclusão/exclusão descritos na metodologia, foram selecionadas doze publicações para a análise deste trabalho (quadro 2).

As publicações que não fizeram parte das análises constam no quadro 1. Os principais motivos de não comporem a análise da pesquisa foram: trabalhos indexados ao Google Acadêmico que não foram localizados nos meios digitais; capítulos de livros e teses sem publicação em meios digitais indexados; por consistirem em ensaios teóricos (35,3%) ou apenas citações (29,4%).

Quadro 1. Publicações sobre Cartografia Social e Educação levantadas por meio do programa Publish or Perish 7.30 do buscador virtual Google Acadêmico (2011 - 2021) não analisadas nesta pesquisa.

Autor	Ano	Título	Característica
Evangelista; Cabral; Cezário	2014	O papel da cartografia social no desenvolvimento da educação ambiental para a sustentabilidade	Citação
Gorayeb; Andrade Maireles	2015	Educação ambiental e cartografia social	Citação
Cardoso; Cardoso	2016	O debate étnico-racial no projeto nova cartografia social da Amazônia: algumas reflexões para o ensino médio	Citação
Carvalho	2016	Nova Cartografia Social: a extensão e a pesquisa como aportes ao ensino de Agroecologia	Ensaio teórico
Gomes	2017	Cartografia social e Geografia escolar: aproximações e possibilidades	Ensaio teórico
Carvalho; Santos	2017	A Cartografia Social e o Ensino de Geografia na Educação básica: um desenho a construir	Ensaio teórico
Macedo; Spironello	2017	Educação Geográfica e Cartografia Social das Práticas Espaciais de Jovens e Adultos	Capítulo de livro
Souza	2017	A questão do conceito de limite na Cartografia Social: apontamentos, discussões e a escola como cenário protagonista	Não encontrado em meios digitais
Souza	2018	A cartografia social como narrativa cartográfica no ensino de geografia: uma análise bibliográfica a partir de artigos científicos do Encontro Nacional de Práticas do Ensino de Geografia e do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares	Análise bibliográfica

Souza; Silva, Dias	2018	Ensino da Geografia e Cartografia Social: uma análise bibliográfica dos artigos científicos do 12º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia	Análise bibliográfica
Carvalho Moura; Melo	2019	Etnografia e Cartografia Social: possibilidades no ensino-aprendizagem em aulas de Sociologia	Capítulo de livro não disponível em meios eletrônicos
Cardoso; Vieira	2019	Práticas sociais do Quingoma: a importância da cartografia social para uma educação quilombola social	Ensaio teórico
Oliveira Ribeiro	2019	Uma cartografia de sentidos de inclusão social: análise de políticas, dispositivos e discursos sobre exclusão social, educação/formação e emprego	Tese de Doutorado
Ribeiro; Passos	2019	Cartografia Social: construção de mapas de uma estética da educação	Ensaio teórico
Carvalho; Costa Caetano	2019	Cartografia Social na Geografia do Ensino Médio: o espaço	Citação
Dalmolin; Passos	2020	Cartografia social: produção de experiências de uma estética da educação	Ensaio teórico
Pereira	Não consta	Meu mundo na sala de aula: uso da cartografia social para o ensino de Sociologia.	Citação

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

No quadro a seguir estão as publicações selecionadas para análise, ou seja, aqueles artigos que apresentam resultados de intervenção e trabalhos de cartografia social em interface com o ensino e/ou educação.

Quadro 2. Publicações sobre Cartografia Social e Educação com desenvolvimento de prática de ensino levantadas por meio do programa Publish or Perish 7.30, na base dados do Google Acadêmico (2011 - 2021).

Autores	Ano	Título
Silva; Schipper	2012	Cartografia da ação social: reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade
Carvalho et al.	2016	A Cartografia Social como possibilidade para o Ensino de Geografia: a pesquisa colaborativa em ação
Cruz; Teodoro	2016	A cartografia social em ambientes escolares: por uma educação ambiental crítica
Santos et al.	2016	Cartografia Social no Ensino Médio Integral
Carvalho; Horta; Pereira	2017	Cartografia Social em Atlas Escolar: a experiência do PIBID Geografia na Escola Municipal Alexina Lowndes, Angra dos Reis (RJ)
Oliveira	2017	Formação de professores e a inserção dos bolsistas do PIBID nas escolas: a produção do Atlas Escolar municipal de Angra dos Reis com Cartografia Escolar e Cartografia Social
Farias; Souza	2017	Cartografia social como recurso didático para o ensino de geografia do 7º ano da Escola Municipal: "São Sebastião" na comunidade de Nossa Senhora do Rosário Lago do Máximo Parintins (AM)
Souza; Dias	2019	Cartografia Social no ensino de Geografia: com a palavras, os alunos

Moraes; Alves; Nascimento	2019	A Cartografia Social na elaboração de mapas afetivos sobre o espaço escolar e sua(s) representatividade(s)
Gouveia; Oliveira	2020	A cartografia social e os PCT's na escola: considerações sobre a experiência das comunidades caiçaras do Pouso da Cajaíba e da Praia do Sono (Paraty-RJ)
Finatto; Farias	2021	A Cartografia Social como recurso metodológico para o ensino de Geografia
Pinho; Pinho	2021	O uso da Cartografia Social como alternativa didática na construção de um ensino-aprendizagem significativo na Geografia Escolar

Fonte: Elaborada pelos autores, 2022

Inicialmente é possível aferir a carência de produções científicas nesse campo específico do saber. Embora este trabalho entenda as limitações da ferramenta utilizada e compreenda que possa haver mais trabalhos sobre o tema não indexados ao Google Acadêmicos, parte do princípio que o acesso a esse saber é tão importante quanto a sua publicação. Portanto, não estar presente na plataforma de maior visibilidade e livre acesso, como aponta Stancatti e Pinto (2021, p. 9), pode reduzir o alcance e utilidade dessas publicações ao meio acadêmico.

É possível localizar essas produções através da pesquisa em mecanismos de busca não direcionados à área acadêmica, como o próprio buscador na internet Google. Entretanto, quando os termos são lançados na pesquisa, estes artigos acabam por competir com sites diversos, tornando a localização destas produções uma tarefa mais demorada e pouco precisa. Assim, o uso de plataformas de pesquisa dedicados à produção científica, na atual conjuntura do século XXI, é essencial para otimizar os processos de busca e permitir o acesso a todos, não apenas àqueles que já atuam ou estão familiarizados com o assunto.

Ainda quanto à indexação, artigos e revistas ainda têm alguma visibilidade sem indexação, mas as produções apresentadas em eventos científicos são de maior dificuldade de conhecimento e acesso por aqueles que não participaram do evento. Logo, converter esses trabalhos científicos em revista e indexá-lo a alguma base de dados é um procedimento que amplia o compartilhamento e alcance desse material.

Apesar da CS ter nascido como uma ciência multidisciplinar, como aponta Tetamanti (2012, p. 13), percebeu-se nesta pesquisa que a apropriação desta ferramenta é, essencialmente, dos professores de Geografia. Uma das possíveis explicações a este fenômeno pode ser a falta de visibilidade citada acima. Dentre todas as publicações analisadas, nenhuma foi aplicada fora da disciplina de Geografia ou a partir dessa disciplina. Se as outras ciências não tomam conhecimento da CS, dificilmente será introduzida por outros campos do saber ou em trabalhos multidisciplinares.

Alguns temas demandam visão multi ou interdisciplinares, a despeito de incluir ou não a CS. Os estudos ambientais, por exemplo, podem receber contribuição de todas as disciplinas ministradas no ensino básico. Todavia, nenhum dos trabalhos analisados que trataram sobre o tema ressaltou que contou com a participação de outros professores além dos de Geografia. Este tema foi tratado nos trabalhos de Gouveia; Oliveira (2020); Santos *et al.* (2016); Cruz; Teodoro (2016). Embora a CS se enriqueça a partir do trabalho interdisciplinar na escola, o sistema educacional brasileiro, como aponta Neves (2019), ainda segue orientado pela didática tradicional

marcado por cada um na sua disciplina. Como resultado, as produções científicas advindas desse setor reforçam esse cenário pouco produtivo tanto aos alunos quanto ao campo científico.

No geral, os temas trabalhados foram questões sociais evocados pelos alunos e acolhidos pelos pesquisadores. O único artigo que não envolveu a comunidade ou escola diretamente foi o trabalho de Finatto; Farias (2021), dedicado à formação de professores dos anos iniciais do ensino fundamental do programa Escola da Terra. Neste sentido, é possível constatar o potencial de uso da CS em diferentes tipos de produções temáticas à serviço do interesse comunitário, reforçando a importância social desta ferramenta.

A escolha do tema influenciou na escala cartográfica adotada em cada trabalho. Os artigos foram elaborados através da escolha ou dos alunos ou da comunidade local de acordo com os problemas vivenciados. A representação cartográfica oscilou entre o ambiente escolar e o município dos participantes. Logo, é possível constatar que a CS, enquanto método, tem o mesmo potencial de uso da cartografia convencional, com o diferencial de carregar significância aos sujeitos cartografados, como apontam estudiosos da cartografia (SEEMAN; CARVALHO, 2017; ASCERALD; VIEGAS, 2013; TETAMANTI, 2012).

Dentre as escalas observadas os textos de Moraes; Alves; Nascimento (2019) e de Souza; Dias (2019) limitaram-se ao ambiente escolar. Nos artigos de Pinho; Pinho (2021) e Carvalho *et al.* (2016) aos bairros dos alunos. E, por fim, nas produções de Oliveira (2019); Carvalho; Horta; Pereira (2019); Farias; Souza (2017) e Silva; Schipper (2012) representaram o espaço municipal. Apenas o trabalho de Cruz; Teodoro (2016) avaliou mais de um município por se tratar de uma pesquisa comparativa e Gouveia; Oliveira (2020) por englobar comunidades caiçaras localizadas na Baía da Ilha Grande, Rio de Janeiro.

A escolha do tema passou pela construção participativa, característica essencial da CS. Entretanto, a forma de construir coletivamente variou de acordo com os grupos, não só no produto final, mas também nos processos adotados. Em dois casos (FINATTO; FARIAS, 2021; CRUZ; TEODORO, 2016) foram ministradas oficinas sobre cartografia antes de o problema ser discutido com o público-alvo. Nos demais (PINHO; PINHO, 2021; GOUVEIA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA, DIAS, 2019; MORAES; ALVES; NASCIMENTO, 2019; CARVALHO; HORTA, PEREIRA, 2019; OLIVEIRA, 2019; FARIAS; SOUZA, 2017; SILVA; SCHIPPER, 2012), as demandas sociais vieram primeiro. Objetivou-se nestas oficinas ou aulas preparar tanto os pesquisadores-participantes quanto os pesquisados. Notou-se a necessidade desse procedimento diante das carências no aprendizado dos conceitos básicos da cartografia ou, no caso dos participantes do ensino fundamental, pretendeu-se introduzir o tema pela primeira vez.

O público atendido nas escolas variou entre alunos do Ensino Fundamental (MORAES; ALVES; NASCIMENTO, 2019; CARVALHO; HORTA; PEREIRA, 2019; OLIVEIRA, 2019) e Ensino Médio (PINHO; PINHO, 2021; SOUZA; DIAS, 2019; CARVALHO *et al.*, 2016; SANTOS *et al.*, 2016; SILVA; SCHIPPER, 2012). Os trabalhos de Farias; Souza (2017) e Cruz; Teodoro (2016) apresentaram a participação tanto de alunos do fundamental quanto do ensino médio, porém separados em suas respectivas turmas. No trabalho de Gouveia; Oliveira (2020), a comunidade local

participou da elaboração cartográfica junto aos estudantes em atividades separadas. O trabalho de Finato; Farias (2016) contou com os professores como participantes.

Quanto aos objetivos das intervenções, perceberam-se duas tendências: a) utilizar a CS na intervenção social do público atendido e b) empregar a CS como método de ensino de cartografia. Embora ambas acabem por tratar das duas questões, os autores são claros quanto a essas diferenças no objetivo final. Logo, o desenvolvimento e continuação da intervenção foi afetada por esta escolha. Nos trabalhos que a CS foi prioritariamente uma ferramenta à serviço da comunidade (GOUVEIA; OLIVEIRA, 2020; SOUZA; DIAS, 2019; MORAES; ALVES; NASCIMENTO, 2019; CARVALHO; HORTA; PEREIRA, 2017; SANTOS *et al.*; 2016; CRUZ; TEODORO, 2016; SILVA; SCHIPPER, 2012) percebeu-se a longevidade das atividades e o maior impacto sobre a comunidade. Entretanto, nos artigos que usaram os problemas sociais do grupo como pano de fundo para ensinar os conceitos cartográficos (FINATTO; FARIAS, 2021; PINHO; PINHO, 2021; OLIVEIRA, 2017; FARIAS; SOUZA, 2017; CARVALHO *et al.*, 2017), notou-se menor tempo de intervenção, o suficiente para transmitir os conceitos da CS. Cabe ressaltar que nos dois modelos foram percebidos o aprendizado de aspectos da CS e do empoderamento social.

Em relação aos métodos aplicados, o ponto em comum entre os trabalhos foi o diálogo com o público-alvo e a elaboração dos mapas pelos participantes. Através do Quadro 3 é possível observar as variações entre os métodos adotados. Cabe ressaltar que apenas dois trabalhos não fizeram menção aos processos seguidos. Em Santos *et al.* (2016) e Carvalho *et al.* (2016) não há qualquer descrição metodológica e carece de demonstração do produto final. Importante em qualquer produção científica, apresentar o método auxilia na validação dos resultados e replicação da pesquisa.

Quadro 3. Metodologias aplicadas nos trabalhos publicados sobre Cartografia Social e Educação (2011 - 2021).

Autores	Apresentação da CS	Observação participantes	Diálogo participantes	Oficina de CS	Elaboração do Mapa	Uso de SIG	Pesquisa Satisfação	Sem identificação de dados metodológicos
Silva; Schipper (2012)			X		X	X		
Santos <i>et al.</i> (2016)								x
Cruz; Teodoro (2016)	X		X		X			
Carvalho <i>et al.</i> (2016)								x
Farias; Souza (2017)		X	X	X	X			

Oliveira (2017)			X	X	X			
Carvalho; Horta; Pereira (2017)	X		X	X	X			
Moraes; Alves; Nascimento (2019)	X		X	X	X	X	X	
Souza; Dias (2019)	X		X	X	X			
Gouveia; Oliveira (2020)			X	X	X	X		
Pinho; Pinho (2021)			X	X	X	X		
Finatto; Farias (2021)			X	X	X			

Fonte: Elaborado pelos autores, 2022

Prosseguindo na análise do Quadro 3, é possível observar o uso do Sistema de Informação Geográfica (SIG). Apesar da CS não depender dessas ferramentas, ela amplia o potencial de análise dos problemas sociais. A presença do SIG nos artigos analisados corrobora com os apontamentos de Ascerald; Viégas (2013, p. 17). Para estes autores, o acesso a essas tecnologias aumenta conforme há maior democratização de tais ferramentas e comunidades historicamente marginalizadas passam a contar com essas técnicas. Entretanto, é possível notar que esta assimilação acontece a passos lentos: apenas quatro trabalhos utilizam os SIGs e três deles são recentes (últimos quatro anos).

No que tange à adoção tecnológica nas escolas, Neves (2019) aponta o sucateamento das instituições públicas. Sem equipamentos adequados, profissionais instruídos ou acesso à internet adequada à quantidade de alunos e profissionais da educação, a escola segue como ambiente anacrônico. Desta forma, a introdução do SIG como prática didática aplicada à CS é um desafio por si só e evidenciado nos resultados deste trabalho: 67% dos trabalhos não utilizaram meios eletrônicos para compor o produto cartográfico.

A principal técnica de elaboração cartográfica percebida nos trabalhos foi a construção manual dos mapas. Utilizando recursos acessíveis (como papel, lápis de cor e régua), os grupos atendidos desenvolveram o produto cartográfico. A complexidade do resultado variou conforme a idade e nível de instrução dos participantes. Nas séries iniciais do ensino fundamental, os indivíduos foram estimulados a desenhar seus mapas de forma livre, enquanto nas séries finais e ensino médio a complexidade da produção foi condizente ao amadurecimento cognitivo desses sujeitos.

Sobre o arcabouço teórico específico da CS, percebeu-se a prevalência de três autores nos trabalhos analisados. Foram excluídos desse computo autocitações e demais autores citados apenas uma vez. Objetivou-se, assim, perceber quais foram os autores mais impactantes nas produções acadêmicas em CS. Os nomes mais citados foram: Henri Ascerald (4 citações), Adryane Gorayeb (3 citações) e Marquiana de F. V. Gomes (2 citações).

Cabe ressaltar que quatro trabalhos não utilizaram nenhum autor ou referência específica da CS (CARVALHO; HORTA; PEREIRA, 2017; OLIVEIRA, 2017; FARIAS; SOUZA, 2017; SANTOS et al., 2016). Estas publicações relataram as experiências de graduandos com a CS. Três dessas publicações foram apresentadas em eventos⁵ (CARVALHO; HORTA; PEREIRA, 2017; OLIVEIRA, 2017; SANTOS et al., 2016), sendo duas fruto do Programa Institucional de Bolsa à Docência (PIBID), ressaltando a importância do programa ao desenvolvimento científico na docência.

A partir destes dados é possível observar que a CS pode ser aplicada em todas as fases do desenvolvimento humano e em diversos níveis de complexidade, estimulando desde cedo a percepção espacial e o despertar da análise política do espaço. Através dos relatos, foi possível observar que ensinar os conceitos da cartografia através desse modelo apresenta vantagens tanto para os alunos do ensino básico quanto para os pesquisadores. Os estudantes demonstraram aprender com maior facilidade quando o conteúdo passou a fazer sentido a eles. E para além dos muros da escola, a CS beneficiou com o empoderamento social, político através da ampliação da conscientização espacial.

Já segundo os autores da maioria dos artigos pesquisados que aplicaram oficinas de CS, o benefício de rever conceitos cartográficos provocou o aprendizado desses saberes tanto para o trabalho futuro do professor em formação quanto para o estudante da educação básica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a pesquisa bibliográfica realizada, a adoção da Cartografia Social (CS) como método de ensino cartográfico e ferramenta de emancipação social mostrou-se positivo na educação básica, sobretudo na rede pública de ensino. Facilitou o processo de transmissão e aquisição dos conteúdos básicos da cartografia, propiciou a apreensão socioespacial e possibilitou a reflexão dos grupos atendidos. A possibilidade de empregar diversos recursos na construção dos mapas agrega valor às escolas públicas, que sofrem carência de investimento e soluções tecnológicas. Importante destacar que, ainda que a pesquisa realizada não tenha se limitado ao ensino de Geografia, os trabalhos encontrados e analisados foram desenvolvidos no âmbito da Geografia e auxiliou o ensino de conteúdo da disciplina.

Observou-se também características essenciais à CS – em intensidades diferentes – nos trabalhos analisados, como o fato da construção coletiva que promove o fortalecimento do grupo; do incentivo ao protagonismo do indivíduo comum ao lançar luz sobre a realidade na qual estão inseridos; em relação à discussão de problemas

⁵ Os eventos são: 14º Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), na Unicamp, em 2019 e II Encontro sobre Impactos Potenciais de Desastres Naturais em Infraestruturas de Transporte e Mobilidade Urbana (IPTMU), em São José dos Campos-SP, em 2016.

reais nos quais esses sujeitos estão envolvidos e que promove o despertar político e empoderamento social.

Percebeu-se, em geral, dois caminhos adotados pelos autores dos trabalhos: a) focar nos problemas sociais e ensinar a CS e b) priorizar o ensino da CS e usar os problemas sociais como pano de fundo. Embora todos os trabalhos tenham alcançado tanto a aquisição dos conceitos cartográficos como a discussão dos problemas sociais, novas pesquisas podem identificar qual dos modelos obteve melhores resultados a longo prazo. Assim, a pesquisa realizada apontou para a questão da abordagem e finalidade da CS na educação básica, se a prioridade é o enfoque didático da cartografia ou a tratativa dos problemas sociais por meio da cartografia.

Outra consideração que este trabalho faz é quanto ao acesso e disseminação da CS dentro dos meios científicos. Sem indexação, as produções científicas ficam restritas ao nicho na qual foram produzidas. Isso indica a necessidade de preocupação com a visibilidade do conteúdo e com os objetivos sociais da produção científica, além da importância do intercâmbio de saberes com outros campos do conhecimento para a evolução da ciência e educação.

Nesse sentido, se as orientações curriculares oficiais dirigem a disciplina ao nível da reprodução ou da redução tecnicista de abordagem do espaço e da linguagem cartográfica, pode gerar nos alunos o desinteresse e a disciplina lhes parecer inútil. Consequentemente, o estudante é distanciado de ferramentas que poderiam servir ao próprio empoderamento e deposita na mão de uma pequena elite o monopólio desses saberes estratégicos.

REFERÊNCIAS

ASCELRAD, Henri; COLI, Luis Régis. Disputas cartográficas e disputas territoriais. In: ASCELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 13-44. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografia%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf . Acesso em: 15 jun. 2021.

ASCELRAD, Henri; VIÉGAS, Rodrigo Nuñez. Cartografias sociais e território – um diálogo latino-americano. In: ASCELRAD, Henri (org.). **Cartografia social, terra e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2013. p. 15-40. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578708/mod_resource/content/1/COMP_ACS%20ELRAD%20-%202013%20-%20Cartografia%20Social%2C%20Terra%20e%20Territ%C3%B3rio.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf . Acesso em: 27 fev. 2021.

CARDOSO, Tassio Simoes; VIEIRA, Miliane de Lemos; ARAUJO, Jamille Santos de. Práticas sociais do Quingoma: a importância da cartografia social para uma educação quilombola social. In: Colóquio Internacional Educação e Contemporaneidade, 13.,

2019, São Cristóvão, SE. **Anais [...]** . Aracaju: Educon, 2019. v. 13, p. 1-15. Disponível em:

http://anais.educonse.com.br/2019/praticas_sociais_do_quingoma_a_importancia_da____carto.pdf. Acesso em: 16 fev. 2022.

CARVALHO, Franklin Plessmann de. Nova Cartografia Social: a extensão e a pesquisa como aportes ao ensino de agroecologia. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO EM AGROECOLOGIA, 2., 2016, Seropédica. **Anais [...]** . [S.l]: Cadernos de Agroecologia, 2017. v. 12, p. 1-14. Disponível em: <https://revistas.aba-agroecologia.org.br/cad/article/view/22314/12773>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CARVALHO, Josias I. F. de; SANTOS, Francisco K. S. dos; SOUSA, Laryssa de A. A cartografia social e o ensino de Geografia na educação básica: um desenho a construir. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia-MG, v. 8, n. 15, p. 82-97, jul./dez. 2017. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N15/Art5-v8-n15-Revista-de-E ensino-Carvalho-Santos-Sousa.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

CARVALHO, Josias Ivanildo Flores de *et al.*. A cartografia social como possibilidade para o ensino de geografia: a pesquisa colaborativa em ação. **Revista de Geografia**: (Recife), Recife, v. 33, n. 2, p. 251-260, Set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia/article/view/229272/23634>. Acesso em: 22 fev. 2022.

CARVALHO, Nathalia Lacerda de; HORTA, Anna Beatriz Freitas Ferreira; PEREIRA, Luan de Sousa. Cartografia Social em Atlas Escolar: a experiência do PIBID geografia na Escola Municipal Alexina Lowndes, Angra dos Reis (RJ). In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 14., 2019, Campinas, SP. **Anais [...]** . Campinas: Unicamp, 2019. p. 4554-4564. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3271/3134>. Acesso em: 18 fev. 2022.

CRUZ, Amanda Azevedo; TEODORO, Pacelli Henrique Martins. A cartografia social em ambientes escolares - por uma educação ambiental crítica. **Revista Espinhaço**, Diamantina, MG, v. 5, n. 1, p. 39-47, jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaespinhaco.com/index.php/revista/article/view/75/78>. Acesso em: 18 fev. 2022.

DALMOLIN, Bernadete Maria; PASSOS, Robert Filipe dos; RIBEIRO, Silvana. Cartografia Social: produção de experiências de uma estética da educação. **Conjectura Filosofia e Educação**, Caxias do Sul, v. 25, p. 171-186, abr. 2020. Disponível em: <http://ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/7646/pdf>. Acesso em: 18 fev. 2022.

EUGÊNIO, Alisson; OLIVEIRA, Altino Sérgio Dias de. A cartografia e a formação dos impérios ibéricos na época renascentista. **Caderno de Geografia**, v. 30, n. 60, 2020. p. 214-235.

EVANGELISTA, A. N. A.; CABRAL, R. M.; CEZÁRIO, A. R. V.; SILVA, E. V.. O Papel da Cartografia Social no Desenvolvimento da Educação Ambiental para a Sustentabilidade. In: IV Congresso Brasileiro de Educação Ambiental Aplicada e Gestão Territorial - Água e Agricultura Familiar, 2014, Porto Velho - RO. **Anais [...]** . Porto Velho: Resumos, 2014. p. 63-65.

FARIAS, Vandrey Barbosa; SOUZA, José Camilo Ramos de. **Cartografia social como recurso didático para o ensino de Geografia no 7º ano da Escola Municipal: “São Sebastião”** na comunidade de Nossa Senhora do Rosário Lago do Máximo Parintins-AM. 2017. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Universidade do Estado do Amazonas, Parintins, 2017. Disponível em: encurtador.com.br/myEGM. Acesso em: 18 fev. 2022.

FINATTO, Roberto Antônio; FARIAS, Maria Isabel. A Cartografia Social como recurso metodológico para o ensino de Geografia: considerações a partir do programa Escola da Terra - Paraná. **Geografia Ensino & Pesquisa**, Santa Maria, v. 25, n. 3, p. 1-28, mar. 2021. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Finatto/publication/349898574_A_Cartografia_Social_como_recurso_metodologico_para_o_ensino_de_Geografia/links/60465f3e4585154e8c8768d0/A-Cartografia-Social-como-recurso-metodologico-para-o-ensino-de-Geografia.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

GIRARDI, Gisele. Cartografias Sociais em diferentes contextos de aprendizagem. **Geographia Meridionalis**, v. 6, n. 1, 2021. p. 67-84. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/viewFile/20802/1375>. Acesso em: 11 de dez. 2021.

GOMES, Marquiana de Freitas Vilas Boas. Cartografia Social e Geografia Escolar: aproximações e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação em Geografia**, v. 7, n. 13, p. 97-110, 2017. DOI: 10.46789/edugeo.v7i13.488. Disponível em: <http://www.revistaedugeo.com.br/ojs/index.php/revistaedugeo/article/view/488>. Acesso em: 10 jun. 2021.

GORAYEB, Adryane; MEIRELES, Antonio Jeovah de Andrade. **Educação ambiental e cartografia social**. Fortaleza: Universidade Federal do Ceara, 2015. 31 p. Departamento de Geografia.

GOUVEIA, Matheus. A cartografia social e os pct's na escola: considerações sobre a experiência das comunidades caiçaras do Pouso da Cajaíba e da Praia do Sono (Paraty - RJ). In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 14., 2019, Campinas, SP. **Anais [...]** . Campinas: Unicamp, 2019. p. 1489-1502. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3250/3115>. Acesso em: 18 fev. 2022.

HARZING, Anne-Wil. **Publish or Perish**. Versão 7.30. [S. l.], 2007. Disponível em: <https://harzing.com/resources/publish-or-perish>. Acesso em: 01 mar. 2021.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confins [Online]**, v. 5, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/5724>. Acesso em: 16 fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.4000/confins.5724>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Noções básicas de cartografia**. Rio de Janeiro: IBGE, 1999. Disponível em: biblioteca.ibge.gov.br. Acesso em: 15 abr. 2021.

KRYGEIR, John; CRAMPTON, Jeremy W. Uma introdução à cartografia crítica. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 85-111. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografia s%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografia%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf) . Acesso em: 15 jun. 2021.

LACOSTE, Yves. **A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra**. 19. Ed. Campinas (SP): Papirus, 2012. 239 p.

LÉVY, Jacques. Uma virada cartográfica. In: ACSELRAD, Henri (org.). **Cartografias sociais e território**. Rio de Janeiro: IPPUR/UFRJ, 2008. p. 153-167. Disponível em: [http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografia s%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf](http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_tematica/leitura%204/Cartografia%20Sociais%20e%20Territ%F3rio.pdf) . Acesso em: 15 jun. 2021.

MACEDO, Daniele Prates; SPIRONELLO, Rosangela Lurdes. Educação Geográfica e Cartografia Social das Práticas Espaciais de Jovens e Adultos. In: TETAMANTI, Juan Diez; CANALI, Constanza; VILA, Verónica (org.). **Experiencias Cartográficas: exploraciones ey derivas**. Buenos Aires: Editorial Margen, 2017. p. 131-147. Livro digital. Disponível em: <https://www.margen.org/epub/experiencias.pdf#page=131>. Acesso em: 16 fev. 2022.

MELO, Patricia Bandeira de; MOURA, Tatiane Oliveira de Carvalho. Etnografia e Cartografia Social: possibilidades no ensino-aprendizagem em aulas de sociologia. In: BODART, Cristiano das Neves; SAMPAIO-SILVA, Roniel (org.). **O Ensino de Sociologia no Brasil**: volume 2. Maceió: Café Com Sociologia, 2019. Cap. 5. p. 99-127.

MIRANDA, Sérgio Luiz. Formação de professores e conhecimentos cartográficos para abordagem do espaço local no currículo de geografia para os anos iniciais do ensino fundamental. **Revista de Ensino de Geografia**, v. 1, p. 47-71, 2010.

MORAES, Mariana Amâncio de Sousa; ALVES, Eduardo Rodrigues; NASCIMENTO, Marcos Vinícius Vieira do. A cartografia social na elaboração de mapas afetivos sobre o espaço escolar e sua(s) representatividade(s). In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 14., 2019, Campinas, SP. **Anais [...]** . Campinas: Unicamp, 2019. p. 1233-1242. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/2965/2828>. Acesso em: 18 fev. 2022.

NEVES, Thales Chinchio. Integração de Tecnologias da Informação e Comunicação no ensino básico aplicado à disciplina de Geografia. In: WORKSHOP EM TECNOLOGIAS, LINGUAGENS E MÍDIAS EM EDUCAÇÃO, 5, 2019, Uberlândia. **Workshop**. Uberlândia: IFTM, 2019. p. 194-207. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1gm3e8LZ7pYtAAUkZWsZBVYQf11H7XZ0i/view>. Acesso em: 12 dez. 2021.

OLIVEIRA, Mara Edilara Batista de. Formação de professores e a inserção dos bolsistas do PIBID nas escolas: a produção do atlas escolar municipal de Angra dos Reis com cartografia escolar e cartografia social. In: Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia, 14., 2019, Campinas, SP. **Anais [...]**. Campinas: Unicamp, 2019. p. 4421-4432. Disponível em: <https://ocs.ige.unicamp.br/ojs/anais14enpeg/article/view/3250/3115>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PEREIRA, André Queiroz. **Meu mundo na sala de aula**: uso da cartografia social para o ensino de sociologia. 2016. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências Sociais, (Programa de Pós-Graduação Profissional em Ciências Sociais Para O Ensino Médio, Fundação Joaquim Nobuco, Recife, 2016. Disponível em: https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/431425/2/dissertao_andr.pdf. Acesso em: 22 fev. 2022.

PINHO, Thomáz Augusto Sobral; PINHO, Roberto Ribeiro. O uso da Cartografia Social como alternativa didática na construção de um ensino-aprendizagem significativo na Geografia Escolar. **Diversitas Journal**, Santana do Ipanema, Al, v. 6, n. 1, p. 1021-1042, jan. 2021. Disponível em: https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal/article/view/1504/1301. Acesso em: 18 fev. 2022.

RABELO, Lucas Montalvão. Os mapas na Idade Média: representações das concepções religiosas e das influências da Antiguidade Clássica. **Temporalidades**, Belo Horizonte, v.7, n.1, p.163-181, 2015. Disponível em: http://www.labocart.ufc.br/wp-content/uploads/2020/12/Historia_da_Cartografia.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.

RIBEIRO, Patrícia de Oliveira. **Uma cartografia de sentidos de inclusão social**: análise de políticas, dispositivos e discursos sobre exclusão social, educação/formação e emprego. 2019. 403 f. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade do Porto, Porto, 2019. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/121843/2/346088.pdf>. Acesso em: 16 fev. 2022.

SAMPAIO, Antonio Carlos Freire; MENEZES, Paulo Márcio Leal de; SAMPAIO, Adriany de Ávila M.. O ensino de Cartografia no curso de licenciatura em Geografia: uma discussão para a formação do professor. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, v. 06, n. 16, 2005, p. 14-22.

SANTOS, Rosa Sousa *et al.* Cartografia social no ensino médio integral. In: Encontro sobre Impactos Potenciais de Desastres Naturais em Infraestruturas de Transporte e Mobilidade Urbana (IPTMU), 2., 2016, São José dos Campos. **Anais [...]**. [S.l.]: CEMADEN, p. 1-3. Disponível em: <http://www2.cemaden.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/rosa.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SEEMANN, Jörn; CARVALHO, Mariano de Oliveira de. Cartografia Escolar em Ação: Caminhos para uma Geografia Cidadã e Militância Cartográfica no Brasil. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 21, p. 123-136, 2017.

SILVA, Catia Antonia da Silva; SCHIPPER, Ivy. Cartografia da Ação Social: Reflexão e criatividade no contato da escola com a cidade. **Revista Tamoios**, v. 8, n. 1, p. 25-39, 2012.

STANCATTI, Daniela Hirono; PINTO, Adilson Luiz. Análise da publicação pela citação como critério de qualidade: estudo da produção científica em arquivologia. **ÂGORA: Arquivologia em debate**, Florianópolis, v. 31, n. 62, p. 1-21, 2021. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/966>. Acesso em: 1 mar. 2021.

SOUZA, Camila Paula de; DIAS, Liz Cristiane. Cartografia social no ensino de geografia: com a palavra, os/as alunos/as. **Geographia Meridionalis**, Pelotas, v. 5, n. 1, p. 32-48, jan./ jun. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Geographis/article/view/15828/10595>. Acesso em: 22 fev. 2022.

SOUZA, Camila Paula de. **A Cartografia Social como narrativa cartográfica no Ensino de Geografia**: uma análise bibliográfica a partir de artigos científicos do Encontro Nacional de Práticas do Ensino de Geografia e do Colóquio de Cartografia para Crianças e Escolares. 2018. 124 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018. Disponível em: http://www.repositorio.ufpel.edu.br/bitstream/prefix/4782/1/Camila_Paula_Souza_Dissertacao.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

SOUZA, Camila Paula de; SILVA, Ana Paula Melo da; DIAS, Liz Cristiane. Ensino da Geografia e Cartografia Social: uma análise bibliográfica dos artigos científicos do 12º Encontro Nacional de Práticas de Ensino em Geografia. **Para Onde!?**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 45-55, abr. 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/paraonde/article/view/85538/51410>. Acesso em: 18 fev. 2022.
SANTOS, Rosa Sousa *et al.* Cartografia social no ensino médio integral. In: Encontro sobre Impactos Potenciais de Desastres Naturais em Infraestruturas de Transporte e

Mobilidade Urbana (IPTMU), 2., 2016, São José dos Campos. **Anais [...]** . [S.l]: CEMADEN, p. 1-3. Disponível em: <http://www2.cemaden.gov.br/wp-content/uploads/2016/09/rosa.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2022.

TETAMANTI, Juan Manuel Diez. Cartografía Social: herramienta de intervención e investigación social compleja - el vertebramiento inercial como processo mapeado. In: TETAMANTI, Juan Manuel Diez *et al.* (org.). **Cartografía Social**: investigaciones e intervención desde las ciencias sociales: métodos y experiencias de aplicación. Comodoro Rivadavia: Universitaria de la Patagonia, 2012. p. 13-24.

WALDMAN, Mauricio. Todos os caminhos levam a Roma: a cartografia dos césaes, Tábua Peutinger e os limites do espaço. **Geografia (Londrina)**, v.22, n.1, p.59-77, 2013. Disponível em: https://mw.pro.br/mw/Geografia_Tabua_Peutinger.pdf. Acesso em: 16 jul. 2022.